

Sônia Aparecida de Sena Fernandes

7º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

GT 9 – Formação de professores/as e PROFSOCIO: produção de conhecimentos e práticas de ensino de Sociologia na educação básica

**SOCIOLOGIA E ENSINO REMOTO: UMA ANÁLISE DE NARRATIVAS ESTUDANTIS  
SOBRE O ISOLAMENTO SOCIAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO INTERIOR  
PAULISTA**

Belém, Pará

2021

## Introdução

No contexto de implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em curso, e sua proposta de um ensino híbrido, as discussões que emergem sobre a exclusão de alunos do processo de ensino e aprendizagem são inúmeras; principalmente, por coincidir com as dificuldades de o Estado criar mecanismos e alternativas de ensino remoto aos estudantes, logo após o surgimento da Covid-19 e sua disseminação.

Em tempos pandêmicos, o ensino remoto constitui uma possibilidade de ensinar e aprender de forma assíncrona, sem o contato presencial, utilizando diferentes recursos digitais. No entanto, as dificuldades de inserção de estudantes nos ambientes virtuais os têm impedido de instruir-se, seja pela falta de ferramentas tecnológicas, tais como os aparelhos celulares, *tablets* e computadores equipados com internet, seja pela dificuldade de estudarem sem o apoio presencial dos professores, tornando o processo de aprender muito mais difícil para o educando e distante de suas expectativas.

Pesquisas de longa data têm desnudado a situação caótica e a precariedade dos sistemas de ensino brasileiros. Embora a grande maioria dos alunos da rede estadual de São Paulo tenha sido promovida para o ano/série seguinte ao final do ano letivo de 2020, sabemos que as perdas na aprendizagem para os estudantes de escolas públicas são incalculáveis, haja vista os dados do IBGE, de agosto do ano de 2020, divulgados pelo Portal Terra, ao revelar que 8,7 milhões de educandos não tiveram acesso às atividades de Ensino à Distância (EAD).

Diante disso, lançamos mão da seguinte questão norteadora para as nossas reflexões: Como tem sido para os alunos de escolas públicas a experiência repentina de um ensino pautado em novas tecnologias e novos ambientes de aprendizagens e, ao mesmo tempo, terem que lidar com a instabilidade socioemocional gerada pelo contágio da Covid-19?

Tendo em vista essa proposta reflexiva, este estudo se fez necessário para trazer à tona a pandemia e o ensino remoto sob a perspectiva dos estudantes, visto que é necessário tornar a escola um ambiente democrático e participativo, onde não só o Estado, representado por seus gestores, mas todo o conjunto dos sujeitos sociais nela envolvidos possa expressar suas opiniões; afinal, é no âmbito estudantil que os alunos têm a oportunidade de lidar com os problemas sociais de forma cooperativa e indagadora, assumindo o compromisso social enquanto indivíduos compelidos a pensarem o seu processo de aprendizagem, bem como em estratégias para minimizar os riscos de contágio ao coronavírus.

Como procedimentos metodológicos, fez-se a opção pelo método de pesquisa qualitativo, hipotético-dedutivo com procedimento descritivo e explicativo, a partir de revisão

bibliográfica, recorrendo a referenciais teóricos que versam sobre o tema em questão, partindo dos princípios do estranhamento e desnaturalização da realidade, com o foco em temáticas como: o ensino remoto, a inserção de professores e estudantes nas plataformas de ensino digitais, cidadania e a gestão de territórios ante as políticas públicas de enfrentamento à Covid-19.

No desenvolvimento da pesquisa, utilizaram-se ferramentas tecnológicas de ensino, tais como os aparelhos celulares e computadores equipados com internet, a fim de promover o contato professor/aluno para o envio das atividades propostas, por meio do aplicativo *WhatsApp*.

Buscamos, portanto, analisar a oferta do ensino à distância a partir do ponto de vista dos estudantes, com suas percepções de mundo a respeito do período de isolamento social, considerando suas expectativas de aprendizagem e vivências sociais e familiares. Para isso, adotamos as narrativas estudantis como opção metodológica de ensino, embasada em Nóvoa; Finger (2014), a fim de aferir os conhecimentos dos escolares e contribuir para a produção da memória dessa conjuntura.

À vista disso, tecemos nossas reflexões a partir dos autores Bourdieu; Passeron (1992), os quais discorreram sobre o acesso ao capital cultural e o desempenho dos alunos em sala de aula, e Foucault (1987; 1999), que identificou, na educação moderna, atitudes de vigilância e disciplina corporal e mental, bem como contribuiu para a construção de dois importantes conceitos que permeiam as sociedades atuais: a biopolítica e biopoder. Além de referências como Santos (2020), Levy (2003), Bauman (2001), Vygostsky (1989), entre outras que, neste momento, apresentam estudos sobre a crise sanitária mundial e ajudam na compreensão social, política e econômica da pandemia do coronavírus e do estado psicossocial dos estudantes.

Para a análise dos resultados da atividade didática proposta aos alunos, utilizamos como amostra produções de textos, diários e desenhos representativos do período pandêmico, realizados por 32 estudantes, no segundo semestre do ano de 2020, sendo duas turmas específicas, uma do 7º ano do Ensino Fundamental (19 alunos), e outra da 2ª série do Ensino Médio (13 alunos), a fim de aferir as particularidades do universo estudantil sob diferentes percepções, por se tratar de estudantes de faixas etárias diferentes: 11 a 13 anos e 16 a 17 anos, respectivamente.

Sendo assim, o objetivo geral deste estudo é estabelecer um diálogo sociológico, mediante problematização e questionamentos advindos da realidade escolar experimentados por estudantes e professores, durante a quarentena e o ensino remoto, destacando os fatores que facilitaram ou dificultaram a aprendizagem.

Os objetivos específicos são:

- Examinar e discutir o ponto de vista dos envolvidos sobre as propostas de ensino digitais oferecidas pela Secretaria de Educação (SEDUC);
- Compreender a estreita relação dos conhecimentos a partir da vida cotidiana e a aquisição formal do letramento digital dos estudantes;
- Empreender ações concretas para o desenvolvimento estudantil e sua inserção nas atividades escolares;
- Contribuir para a produção da memória da conjuntura de pandemia da Covid-19.

Face aos objetivos propostos, procurou-se engendrar uma atividade que permitisse ao professor assumir uma postura de escuta, de modo a proporcionar aos alunos o exercício da livre expressão de ideias e opiniões, sinalizando a importância da Sociologia como Ciência capaz de estranhar, desnaturalizar e pensar os problemas advindos das ações dos indivíduos em sociedade, em todas as instâncias – políticas, econômicas, sociais e culturais, abrindo espaço para atitudes reflexivas e desprendidas do senso comum, a fim de assumir posicionamentos que os ajudassem a superar os desafios emergentes em situação de caos, tal como a vivenciada.

### **1. BNCC, ensino híbrido e ensino remoto: reflexões necessárias**

As mudanças e entraves impostos pela pandemia do novo coronavírus forçaram as instituições de ensino do mundo todo a buscarem estratégias de aprendizagem pautadas em tecnologias digitais. No Brasil, não podia ser diferente; com a impossibilidade da realização de aulas presenciais, as escolas tiveram que buscar respostas para garantir a continuidade dos processos de ensino e aprendizagem. Assim, podemos dizer que a pandemia acelerou o uso de tecnologias, visto que novas metodologias de ensino se tornaram indispensáveis.

Lévy (2003, p.11) aborda um movimento geral de virtualização que afeta não apenas a informação e a comunicação, mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência. Uma onda que ultrapassa amplamente a informatização.

Diante de tantos modelos educacionais já utilizados no Brasil, destaca-se, neste momento, a educação híbrida, apresentada pelo Estado como resposta necessária ao momento atual, projetando-se como uma modalidade de ensino presente na Nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), prevista para permanecer nas escolas, mesmo no pós-pandemia.

Enquanto documento oficial, A BNCC (BRASIL, 2018, p. 8) orienta que “[...] os estudantes devem desenvolver aprendizagens essenciais ao longo da Educação Básica [...]”.

Desse modo, é ressaltado, na quinta competência geral, que é preciso:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 9).

A BNCC trouxe mudanças bastante profundas na educação brasileira. Assim, pesquisas contemporâneas demonstram que as reformas educacionais e a inserção de grupos empresariais na educação têm deixado um legado de fracasso escolar inquietante.

Em defesa da escola pública, o antropólogo Darcy Ribeiro costumava afirmar que: “A crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto”. Segundo Ribeiro, esse segregacionismo, cujas raízes remetem ao processo de colonização, preserva, em seu bojo, estruturas sociais discriminatórias, as quais marginalizam a grande maioria dos estudantes do ensino básico (RIBEIRO, 1986). Não obstante, passadas mais de três décadas, percebe-se a continuidade dessas estruturas anacrônicas expressas nas palavras desse autor.

Da mesma forma, Bauman (2007) chamou de “Tempos Líquidos” essa pós-modernidade e as circunstâncias de aproximação e desenvolvimento promovido pelas tecnologias. Porém, em nenhuma circunstância, ao longo da história, estivemos tão próximos uns dos outros e, ao mesmo tempo, distantes. Nesta conjuntura de incertezas ante à Covid-19, novas demandas e desafios afloram e, obviamente, o ato de pensar a realidade subjacente exige reflexões acerca do poder de regulação do Estado sobre a vida escolar em todas as instâncias.

Sendo assim, recorreremos a Apple (1982) que desenvolve uma análise enfocando o modo pelo qual se acentua o papel econômico das instituições sociais sobre as escolas e afirma que: “[...] frequentemente, se vê como elemento determinante a manipulação econômica e consciente por parte daqueles que se acham no poder [...]” (APPLE, 1982, p 11).

Esse autor faz uma crítica à posição economicista, por entender que ela fornece uma apreciação pouco adequada da forma como essas consequências são criadas pela escola, pois não se pode esclarecer completamente quais são os mecanismos de dominação e como funcionam na atividade cotidiana da vida escolar. Sendo assim, reitera que:

É preciso complementar-se uma análise econômica com uma abordagem que se apoie solidamente numa orientação cultural e ideológica, se estamos realmente dispostos a entender as formas complexas em que as tensões e contradições sociais, econômicas e políticas são “mediadas” nas práticas concretas dos educadores no desempenho de suas atividades nas escolas. O enfoque, então, deveria estar também nas mediações ideológicas e culturais que existem entre as condições materiais de uma sociedade classista e a formação da consciência dos indivíduos nessa mesma sociedade (APPLE, 1988, p. 11).

Em seus estudos, Apple examina a relação entre a dominação econômica e a cultural, que parece produzir “naturalmente” algumas das consequências parcialmente descritas por aqueles cujo enfoque se centrou na economia política da educação, pois não existe somente a propriedade econômica, há, também, uma propriedade simbólica — o capital cultural — que as escolas preservam e distribuem.

Assim, podemos começar a adquirir uma compreensão mais completa do modo pelo qual as instituições de preservação e distribuição cultural, como as escolas, produzem e reproduzem formas de consciência, permitindo a manutenção do controle social, sem que os grupos dominantes tenham de recorrer a mecanismos declarados de dominação.

A respeito desse processo, Bourdieu; Passeron (1992) elaboram um estudo bastante aprofundado, visto que colocam a questão da reprodução no cerne das discussões sobre escola e poder. Tais autores descrevem a escola como uma instituição onde o conhecimento, que deveria ocorrer de forma democrática e igualmente para todos os alunos, é aparente, pois aqueles que pertencem às classes sociais favorecidas têm o acesso mais facilitado ao capital cultural herdado da família, em detrimento dos alunos desprovidos de recursos financeiros.

Assim, descrevem a escola como uma ação direta dos hábitos culturais familiares e as disposições herdadas do meio de origem que são reforçadas pela lógica escolar: “[...] A ação pedagógica escolar que reproduz a cultura dominante contribui, desse modo, para reproduzir a estrutura das relações de força numa formação social onde o sistema de ensino dominante tende a assegurar-se do monopólio da violência simbólica legítima [...]” (BOURDIEU; PASSERON, 1992, p. 21-29).

No cotidiano, lidamos com inúmeras e diferentes situações de violência, porém, agora neste quadro de crise, vemos que a violência simbólica aflora de forma mais intensa, sobretudo, na escola, cujas circunstâncias são dadas pelas dificuldades de acesso ao conhecimento e ao desemprego estrutural, o qual pressiona os alunos a abandonarem os estudos para ajudarem os pais no sustento da família. Em situações narradas, eles se ocupam de cuidar de irmãos mais novos, dos afazeres domésticos e de subemprego.

Além das reflexões de Bourdieu e Passeron, chamamos a atenção para o que Foucault (1987) discorreu sobre os sujeitos históricos e sociais e o domínio institucionalizado sobre os corpos:

Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o

corpo é investido por relações de poder e de dominação (...) Quer dizer que pode haver um “saber” do corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, e um controle de suas forças que é mais que a capacidade de vencê-las: esse saber e esse controle constituem o que se poderia chamar a tecnologia política do corpo. (FOUCAULT, 1987, p. 29).

Tais ideias denotam dois importantes conceitos desenvolvidos por Foucault: a biopolítica e o biopoder, em cujo regime capitalista, os indivíduos que estão bem colocados dentro de um corpo social são aqueles que são produtivos. Para assim mantê-los, o Estado cria um conjunto de técnicas de subjugação dos corpos das pessoas – o biopoder, tornando-as “dóceis”. Essa medida disciplinar atua diretamente sobre a vida das pessoas nos espaços de confinamento, por meio de instituições sociais, tais como o quartel, o trabalho e a fábrica, as prisões, o hospital e a escola.

Todas essas reflexões trazem à tona alguns problemas recorrentes na conjuntura de pandemia da Covid-19 no Brasil da atualidade, visto que as políticas públicas de enfrentamento ao coronavírus assolam as minorias no país e remetem ao utilitarismo<sup>1</sup>, posto que as ações governamentais adotadas pelo Estado vão ao encontro de valores políticos da extrema direita, que desdenha a Ciência e demonstra frieza em relação às mais de 450 mil vítimas fatais da pandemia, principalmente, quando se tem um colapso – previamente anunciado – do Sistema Único de Saúde (SUS), em decorrência da histórica falta de investimentos na área sanitária e que, agora, emerge em relação à Covid-19.

Percebe-se que, ao invés de agir em defesa e cuidados com o povo, desdenha-se as experiências científicas em prol do desenvolvimento de uma vacina e pratica-se a necropolítica<sup>2</sup> como forma de dominação capitalista de aniquilamento.

---

<sup>1</sup> Corrente filosófica criada no século XVIII pelos filósofos britânicos Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873) que trazem algumas questões éticas a serem pensadas dentro de uma perspectiva hedonista. Esse modelo é caracterizado por ser um sistema filosófico moral e ético, o qual uma ação útil é denominada como a mais correta, e daí surge seu nome. Nesse viés, a busca pelo prazer é uma importante característica. Portanto, as ações almejam um fim onde as consequências sejam focadas no prazer e na felicidade, bem como na utilidade desses atos. Sendo assim, ela investiga as ações e os resultados que proporcionam o bem-estar aos seres sencientes, ou seja, aqueles que de forma consciente possuem sentimentos. De modo empírico os homens são capazes de regular e escolher suas ações. Assim, torna-se possível e por meio da consciência alcançar o prazer, em detrimento do sofrimento e da dor. Disponível em: <[<sup>2</sup> O filósofo camaronês, Achille Mbembe, que leciona na Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo, África do Sul e na Duke University, nos Estados Unidos, e estudioso da teoria de Michel Foucault, parte da ideia de como alguns discursos políticos são instrumentos de poder que validam massacres, extermínios e regimes totalitários modernos. Em seu livro “Necropolítica”, apontou que os conceitos foucaultianos “biopolítica” e “biopoder” são ainda insuficientes para compreender as relações](https://www.significados.com.br/hedonismo/#:~:text=hedonismo%20com.siste%20em%20uma%20doutrina,j%C3%A1%20que%20hedon%20significa%20prazer.&text=Neste%20caso%2C%20%22prazer%22%20significa,que%20o%20mero%20prazer%20sensual.>. Acesso em 01/05/2021.</a></p></div><div data-bbox=)

Vemos, assim, que a crise sanitária mundial afeta as esferas econômicas, políticas e sociais e coloca a sociedade brasileira em um “estado de exceção”. Ela alude às táticas de um regime absolutista de “fazer morrer e deixar viver”, discorridas por Foucault na obra intitulada *Em defesa da sociedade*, a qual afirma que:

O direito de vida e de morte só se exerce de uma forma desequilibrada, e sempre do lado da morte. O efeito do poder soberano sobre a vida só se exerce a partir do momento em que o soberano pode matar. Em última análise, o direito de matar é que detém efetivamente em si a própria essência desse direito de vida e de morte: e porque o soberano pode matar que ele exerce seu direito sobre a vida. Essencialmente um direito de espada. FOUCAULT, 1999, p. 287).

Nessa passagem, Foucault se refere à maneira pela qual um monarca absolutista conduzia seus súditos, aplicando a tática de “fazer morrer e deixar viver”. Com isso, denuncia os mecanismos biopolíticos implícitos no discurso de “proteção” à sociedade a qual se representa. Em outras palavras, enquanto empreende-se discursos nacionalistas em “defesa” da sociedade, exercita-se sobre ela o poder de vida e de morte, ocultando-se os resultados da pandemia e negando-a enquanto tragédia.

Por outro lado, o medo leva os indivíduos a acreditarem em discursos de poder e são expressos em atitudes de “salve-se quem puder”, o qual o *Darwinismo* social passa a imperar de forma naturalizada, em uma gestão produtiva da vida, como foi o caso das vítimas da pandemia na Itália, no ano de 2020.

Notícias veiculadas na imprensa internacional retrataram que, no ano de 2020, na Itália, houve uma escolha de quem seria salvo da Covid-19: se os idosos, maioria da população italiana “envelhecida”<sup>3</sup> ou os jovens, que supostamente teriam, ainda, uma vida pela frente. Nas palavras de Boaventura: “[...] A pandemia é uma alegoria. O sentido literal da pandemia do coronavírus é o medo caótico generalizado e a morte sem fronteiras causadas por um inimigo invisível [...]” (SANTOS, 2020, p. 10).

---

de inimizades e perseguições contemporâneas, pois existe um racismo de Estado que tem raízes no processo de colonização e está presente nas sociedades atuais, fortalecidos por políticas de morte (necropolítica). Disponível em: < <https://www.politize.com.br/necropolitica-o-que-e/> > Acesso em 12/01/2021.

<sup>3</sup> A pandemia do novo coronavírus derrubou em quase um ano a expectativa de vida média na Itália, um dos países com maior taxa de mortalidade por Covid-19 em todo o mundo. É o que aponta um relatório divulgado em 20/03/2021 pelo Instituto Nacional de Estatística (Istat), o equivalente italiano ao IBGE. De acordo com o levantamento, a expectativa de vida no país encerrou 2020 em 82,3 anos, contra 83,2 anos de 2019. Os dados, já consolidados pelo Istat, mostram que a Itália teve, em 2020, o maior número de óbitos desde a Segunda Guerra Mundial. ROMA, 10 MAR (ANSA). Disponível em <<https://istoe.com.br/covid-diminui-expectativa-de-vida-na-italia-em-quase-1-ano/>>. Acesso em 30/03/2021.



Trazendo essa análise do campo político para social e o educacional, entendemos que nesse momento de isolamento, o meio encontrado pelos Estados e pelas sociedades em dar continuidade ao trabalho e à escola foram o *home office* e o ensino remoto, realizados em diferentes plataformas tecnológicas. Porém, embora sejam chamadas de sociedades tecnológicas, as gerações atuais ainda não haviam passado por problemas graves como a pandemia do coronavírus, nem haviam experimentado, de forma pedagógica tão intensa, as ferramentas digitais que tanto se almejava utilizar.

O resultado desse atraso tecnológico das escolas brasileiras trará, possivelmente, reflexos negativos futuros, mas também muita aprendizagem. Desse modo, acredita-se que pensar o que tem sido feito para mitigar os problemas decorrentes da pandemia da Covid-19 e as lições que podemos tirar disso tudo é algo essencial.

Além dos fatos tratados, muitas problemáticas podem ser pensadas no decorrer de uma pesquisa. Elas vão desde os novos arranjos curriculares impostos pela reforma do Ensino Médio, como a implantação da nova BNCC, a outros problemas, como o agrupamento das disciplinas de humanas em temas e projetos, como vem ocorrendo, por exemplo, com a Sociologia e a Filosofia, haja vista os livros didáticos em processo de escolha e os itinerários formativos, pautados no Empreendedorismo, Projeto de Vida e em Educação Financeira, que tendem a tornarem-se mais relevantes, em detrimento de disciplinas que são necessárias à base de conhecimentos teórico-críticos, tais como as citadas.

Com certeza, outros os problemas da educação à distância irão emergir, tais como a evasão escolar, a depressão e a ansiedade, e as defasagens na aprendizagem, visto que, neste momento, a escola deixa de fazer sentido para uma grande parcela de estudantes que vivenciam momentos de angústia, medo e insegurança relatados nas narrativas realizadas na atividade pedagógica proposta. Tais discussões serão realizadas na próxima seção.

## **2. O percurso metodológico da pesquisa**

### **2.1– Aporte teórico-metodológico, resultados e reflexões**

Este estudo, de caráter qualitativo, exploratório e descritivo, teve como metodologia de ensino as narrativas estudantis relatadas por 32 estudantes, por meio da construção de diários e textos, como forma de registros essenciais para o entendimento das concepções de mundo juvenil, no período de isolamento social da Covid-19, no segundo semestre do ano de 2020.

As contribuições de Nóvoa; Finger (2014) serviram como aporte teórico-metodológico para a construção desta atividade, por meio do método (auto) biográfico.

De acordo com tais autores:

O método (auto) biográfico trata-se de situar a história de vida de cada indivíduo – como, aliás, o próprio método biográfico enquanto fenômeno sociológico – num determinado contexto sociopolítico e cultural. Só por meio dessa estratégia, é possível mostrar de que forma os fatores sociais, políticos e culturais marcaram a história de vida de cada um e clarificar de que modo a confrontação da pessoa com esses fatores sociais é constitutiva de uma formação sociopolítica frequentemente depreciada até os dias de hoje (NÓVOA; FINGER, 2014, p. 23-24).

Nóvoa; Finger (2014) consideram de suma importância a “formação de formadores”, uma vez que, para interferir na formação dos outros, é necessário, primeiro, conhecer o próprio processo de formação, isto é, a abordagem biográfica tem, igualmente, uma dupla utilização: por um lado, ela permite identificar as estratégias seguidas pelos formadores (categoria profissional que ainda não está institucionalizada) na sua própria dinâmica de formação e na aquisição de competências técnicas específicas à função que desempenham; por outro lado, ela facilita a definição dos saberes e das formações mais necessárias para o exercício da função de formador, considerando as duas funções do método biográfico: a investigação e a formação.

Sobre isso, Cavalcante; Silva; Cavalcante (2017, p. 1.689) afirmam que o método (auto) biográfico se refere à concepção de que entre o pesquisador e os colaboradores da pesquisa pode-se construir estratégias de autoformação, quando os estudantes, a partir de suas narrativas e as narrativas dos outros, deixam aflorar as vivências, experiências de vida e itinerários de cada um para juntos produzirem conhecimento, caracterizando a pesquisa formação como um momento de interação e espaço de saber.

Sendo assim, esta análise não só possibilitou conhecer o ponto de vista dos alunos em relação às suas vivências no período estudado, como também proporcionou a formação profissional docente, na medida em que se buscou embasamento em referenciais teóricos e metodologias de ensino, a fim de acompanhar os indivíduos no processo de ensino e aprendizagem, de modo a adequar as atividades às suas necessidades. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que se praticou a oitiva estudantil, refletiu-se, também, sobre a própria prática de ensino enquanto professor.

Posto isto, a análise dos registros de acontecimentos do dia a dia, realizados pelos estudantes, permitiu conhecer, brevemente, suas histórias de vida e as perspectivas em relação ao ensino oferecido. Posteriormente, outras abordagens pedagógicas e escolares poderão complementar esta atividade.

De início, a atividade ofertada aos alunos foi a produção de diários, porém, por considerar suas opiniões e livre iniciativa de participação, a ação foi adaptada à construção de textos e imagens (desenhos) representativos do momento, visto que o ensino remoto trouxe algumas dificuldades de comunicação e interação mais próxima em relação a esses sujeitos sociais.

Todavia, percebe-se que esta experiência propiciou ao professor acompanhar a aprendizagem dos alunos em seus processos cognitivos e psicológicos, considerando os convívios sociais, os conflitos interiores e familiares, bem como suas expectativas de aprendizagem em relação à escola, às atividades oferecidas pela plataforma de ensino do Centro de Mídias do Estado de São Paulo (CMSP) e outras atividades preparadas e aplicadas.

Desse modo, as teorias de Piaget e Vygotsky permitiram melhor entender a relação professor-aluno. De acordo com Munari (2010), na concepção de Piaget, o estudante pode ser considerado um ser em desenvolvimento intelectual, que avança com base em estágios pré-estabelecidos pelo desenvolvimento biológico, buscando o conhecimento passo a passo no percurso dos estágios universais pré-determinados. Nesse caso, sua aprendizagem é estruturada pelo processo de equilíbrio e envolve a assimilação e a acomodação de novos esquemas de conhecimento, cabendo ao professor partir do estágio de desenvolvimento do aluno, desequilibrando os esquemas já dominados para motivar a aprendizagem (MUNARI, 2010 apud PIAGET, 1976).

Por sua vez, Vygotsky (1989) se orienta pelas possibilidades metodológicas que a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) oferece, da mediação e da interação planejada e interacional entre o mais apto e o aprendente. “[...] A zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real, constituído por funções já consolidadas pelo sujeito, que lhe permitem realizar tarefas com autonomia, e o nível de desenvolvimento potencial [...]” (VYGOTSKY, 1989, p.97).

Para o autor, a função psicológica especificamente humana surge sempre, e primeiro, do contato com outras pessoas e, posteriormente, é internalizado. Nesse processo, considera relevante o caráter social e cultural da aprendizagem, cuja internalização completa o processo, ou seja, adianta-se ao desenvolvimento.

Vygotsky concebe o estudante como um ser social que se apropria dos instrumentos e dos sistemas simbólicos mediadores. Na interação, avança para possíveis níveis potenciais, sendo que o professor, o mais experiente na tarefa, regula e controla os processos de ensino e aprendizagem do aluno, explorando a ZDP. Quanto às relações sociais e de sociabilidade, o

desenvolvimento depende da internalização de conhecimentos presentes no meio social que envolve a intersubjetividade<sup>4</sup>.

Postuladas por Vygotsky, tais concepções ratificam os processos de mediação determinantes nas situações de aprendizagem empreendidas. Assim, considera-se que elas desempenham papel crucial nesse campo psicológico do desenvolvimento e na vertente de estudo conhecida por “Teoria Histórico-Cultural da Atividade”. Tal área tem suas origens justamente na obra de Vygotsky (1989), ao descrever os processos pelos quais o conhecimento é construído como resultado da experiência pessoal subjetiva de uma atividade, tendo a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD) como um aspecto importante para a capacidade atual da criança ao solucionar problemas individualmente, e o nível de desenvolvimento, determinado por meio da resolução de problemas sob a orientação de adultos ou em colaboração com pares mais capazes, principalmente o professor.

Sendo assim, a obra desses autores apresenta-se como expressivas para o entendimento potencial cognitivo dos alunos, e contribuiu com esta pesquisa, na medida em que possibilitou desenvolver a ideia de aproximação professor-aluno, aluno-aluno e aluno-conteúdos.

Embora somente dois estudantes tenham escrito os diários sugeridos na atividade, todos participaram; visto que os demais escreveram textos ou confeccionaram desenhos sobre o tema, como os que seguem ilustrados abaixo:



Imagem 1. Desenho representativo da pandemia da Covid-19 por estudante do 2º ano do Ensino Médio

<sup>4</sup> Intersubjetividade: comunicação das consciências individuais, umas com as outras, realizada com base na reciprocidade. Oxford Languages. Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=intersubjetivo+r+intrasubjetivo&oq=intersubjetivo+r+intrasubjetivo&aqs=chrome.69i57j33i10i160.26540j1j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em 31/05/2021.

Os relatos dos estudantes revelam situações variadas, que vão desde a perda de entes queridos (pais, avós, tios, amigos), a problemas relacionados à falta que sentem dos amigos e da escola e da necessidade do isolamento social.

Por unanimidade, todos afirmaram que anseiam pela vacina, defenderam o Sistema Único de Saúde (SUS) e sentem medo de contrair o vírus ou de que alguém da família o adquira. Alguns reclamaram do uso de máscaras e da higienização constante das mãos, mas expressaram ter consciência de que tais hábitos são necessários à sobrevivência humana e ao combate à pandemia.

A desmotivação aos estudos sem a presença física do professor foi outro assunto bastante recorrente nos textos. Alguns alunos alegaram que não conseguem acompanhar as aulas por não entenderem os conteúdos; por não terem a posse do uso do aparelho celular ou, quando têm, não possuem conexão à internet; alguns salientaram que têm que cuidar e ajudar a “alfabetizar” os irmãos mais novos, já que os pais precisam trabalhar, ou mesmo tiveram que trabalhar para ajudar no sustento da família.

Além dos relatos citados, situações de vulnerabilidade social também são perceptíveis, pois há exemplos de alunos cujo cenário revelado por trás das fotografias de atividades enviadas mostram a falta de um lugar adequado para os estudos e do improvisado de camas, sofás e no “chão”, o que corrobora, mais uma vez a precariedade do acesso aos estudos nesta conjuntura pandêmica.



Imagem 2. Desenho representativo da pandemia da Covid-19 confeccionado por estudante do 7º ano do Ensino Fundamental

Uma expressão textual que chamou a atenção docente, a qual expressa a ansiedade em relação ao caos enfrentado ante à Covid-19, foi o texto escrito e intitulado por estudante do 2º

ano do Ensino Médio, que termina com a frase: “Chega logo, 2021”. No texto, o (a) estudante refere-se ao final do ano letivo de 2020 com certo “alívio” e na expectativa de que dias melhores seriam anunciados com a passagem de um novo ano. Porém a realidade não foi animadora, posto que as estatísticas mostram que a situação de controle da pandemia no Brasil piorou drasticamente, visto que se findou o ano com cerca de 100 mil mortes por coronavírus e agora, com os dados atualizados, atinge-se 468 mil.

Imagem 3. Tabela com números atualizados de óbitos por Covid-19 no Brasil<sup>5</sup>



Fonte: Página Oficial do Google

O fechamento das escolas, a morosidade na produção de vacinas e a ineficácia do Estado brasileiro no combate à pandemia também foram preocupações citadas entre os escolares, situações expressas nos textos e desenhos.



Imagem 4. Capa de Diário da Quarentena  
Confeccionado por estudante do 7º ano do Ensino Fundamental

<sup>5</sup> Tabela utilizada como fonte de informação por não haver dados atualizados com a referida data – 02/06/2021, na página do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Muitas outras reflexões e citações foram realizadas pelos estudantes que participaram das narrativas propostas. Destacamos, ainda, as mudanças nos hábitos de higiene pessoal e coletivo, preocupação com o aumento do desemprego, o fato de passar mais tempo conectados às redes sociais, as *Fake News*, os noticiários sobre situações de racismo, das mortes e internações e, obviamente, o que acharam sobre ensino remoto experimentado. As imagens 5, 6 e 7<sup>6</sup>, que seguem anexas abaixo, corroboram tais informações.

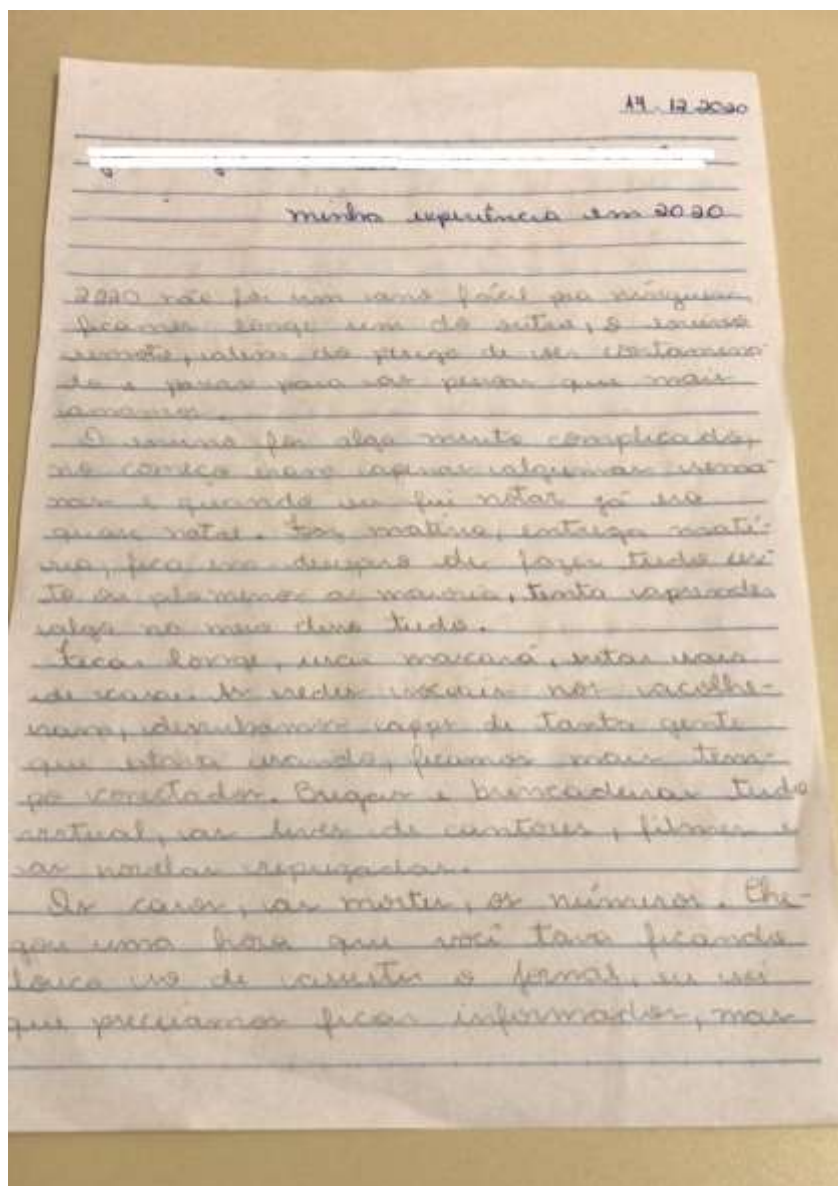


Imagem 5 – narrativa 1, p. 1

<sup>6</sup> As imagens 5 e 6 correspondem a uma narrativa enviada via ferramenta de ensino *WhatsApp* à professora por estudante do 2º ano do Ensino Médio em 14 dezembro de 2020. Os nomes dos estudantes foram ocultados.

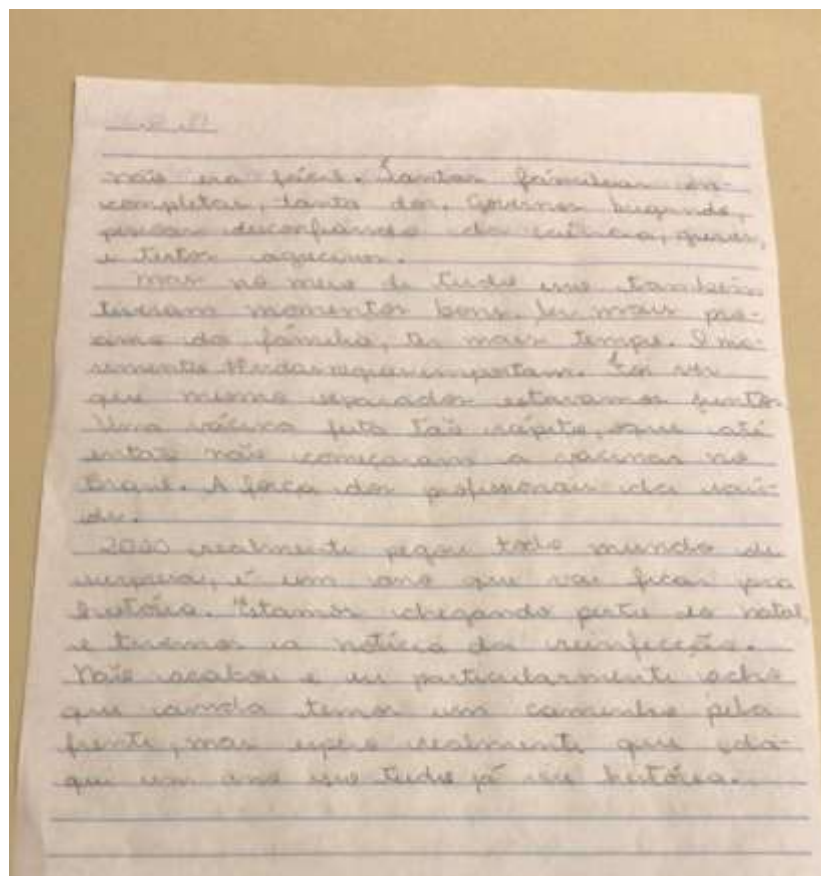


Imagem 6 – narrativa 1, p. 2

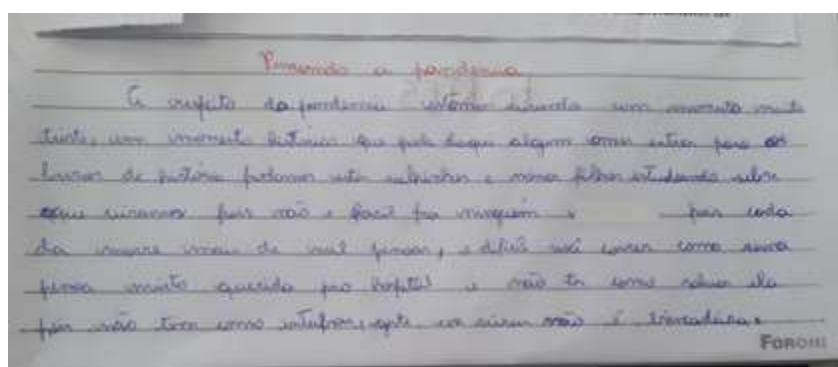


Imagem 7. Narrativa 3 – enviada à professora via ferramenta de ensino WhatsApp, por estudante do 2º ano do Ensino Médio

As múltiplas experiências docentes e discentes demonstram o enfrentamento aos problemas decorrentes da pandemia da Covid-19, seja no cotidiano do isolamento social ou na forma remota de ensinar. Diante de tantas adversidades, criou-se um terreno propício à reinvenção da escola, do ensinar e aprender.

Uma nova expressão, o “novo normal” foi largamente proferida; no entanto, coube à Sociologia estranhar e desnaturalizar essa “normalidade”, de modo a pensá-la como fruto de



estruturas arcaicas impostas pelo capitalismo. Esse é mais um desafio das instituições escolares: investigar, pensar, desnudar e propor uma realidade condizente com a realidade dos estudantes.

Por fim, é fato incontestável que precisamos investir mais e melhor na educação brasileira, assim como é necessário um melhor gerenciamento dos recursos financeiros, de maneira a usá-los, também, para valorizar e formar continuamente os professores. Mediante esse fato, o Brasil precisa dar prosseguimento às políticas públicas educacionais, por meio de investimentos em escolas que sejam ambientes modernos e acolhedores aos alunos e projetar uma imagem que reconheça a importância do professor, construindo uma trilha formativa. São questões como essas que serão fundamentais para assegurar a dignidade humana dos estudantes de escolas públicas.

### **Considerações finais**

Entendemos que a adversidade da pandemia interveio na educação de forma transformadora com elementos negativos, se pensada sob a ótica de exclusão dos escolares nos estudos; porém, também há aspectos positivos, uma vez que a escola reassume e enfatiza um dos papéis que lhe cabe: a formação de valores, o desenvolvimento de hábitos saudáveis, como a higiene pessoal, e os cuidados consigo e com o outro, principalmente em situação de crise sanitária como a estudada.

Além disso, a atmosfera afetiva e de empatia emergiu como um ambiente facilitador para o processo de aprendizagem e desenvolvimento, mostrando o quanto as instituições de ensino e seus profissionais, docentes e corpo técnico podem contribuir de forma engajada e inovadora.

No que tange à Sociologia, destacamos a contribuição dessa Ciência para formação crítica dos alunos, voltada para a análise de sua própria realidade, na medida em que se busca inseri-los em aprendizagens significativas, as quais contribuam com a construção de um senso de pertencimento, por meio de um conhecimento relevante e útil para a vida coletiva. O segregacionismo, presente na história da educação, faz parte das mazelas sociais as quais se procurou identificar, estranhar, desnaturalizar, refletir, combater e superar.

Nesse contexto pandêmico, vários olhares se voltaram para as escolas. Espera-se que a sociedade brasileira tenha finalmente descoberto o verdadeiro valor dessa instituição e dos

professores, mas será preciso, ainda, um esforço conjunto para superar os problemas acarretados pelo distanciamento social e o não acesso ao conhecimento por um longo período.

Estudiosos apontam que a civilização do distanciamento, causado pela Covid-19, será mediada pela tecnologia; que será um dos marcos históricos do século XXI. Entretanto, será que só a tecnologia basta? De nada adianta, se não tivermos uma humanidade disposta a usá-la para superar os desafios. Pensando na civilização que estamos construindo, agora temos que pensar como a ação humana contribui para isso.

Vimos, ainda, que é possível estabelecer diálogos pertinentes entre as propostas educacionais comportamentais, o modelo humanista na educação e a pedagogia histórico-crítica que busca compreender a educação no seu desenvolvimento histórico-objetivo, situando-a no processo de transformação histórica e assumindo um compromisso com a transformação social.

Todas essas contribuições reforçam a relevância da pesquisa sobre a aprendizagem significativa e a prática de ensino qualificada, além de sensibilizar para uma prática pedagógica orientada pela relação interdisciplinar entre a psicologia e a educação. Tudo isso é impactante, fundamental e transformador. Como a maioria dos estudantes discorreu em suas narrativas, a pandemia entrará para a história de várias gerações e será lembrada em uma infinidade de livros e na memória de todos aqueles que a ela sobreviverem.

Entendemos, assim, que a escola sozinha não muda. É importante pensar e agir para não reproduzir o sistema, mas sim construir um saber onde todos tenham voz, que possam ser agentes da educação e manifestar o que gostam. Só ousando e questionando é que o aluno saberá reconhecer qual é o seu lugar de sujeito social histórico, consciente do seu tempo, de seus direitos e deveres.

## Referências

APPLE, M. **Ideologia e Currículo**. São Paulo: Brasiliense: Brasil, 1982.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2001

BRASIL. MEC. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018.  
Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf)>.  
Acesso em: 20 mar. 2021.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Tradução de Reinaldo Bairão. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 3ª edição, 1992.

CAVALCANTE, J. J.; SILVA, E. P.; CAVALCANTE, F. L. **Método (auto)biográfico e a pesquisa formação**. 6º Congresso Ibero-americano em Investigação Qualitativa. Atas – Investigação Qualitativa em Educação, Fortaleza, v. 1, 2017.

FONSECA, M. A. **Fazer viver e deixar morrer: as sociedades modernas e a tipologia de seus poderes**. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 15, n. 44, p. 188-193, 2000. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092000000300013>>. Acesso em: 05 mai. 2021.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 1999. 382 páginas.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução Raquel Ramallete**. Petrópolis, Vozes, 1987.288p.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** Tradução Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2003.

NÓVOA, A.; FINGER, M. **O método auto(biográfico) e a formação**. Tradução Antônio Nóvoa. Natal/RN. Edufrn, 2ª edição, 2014.

MUNARI, A. **Jean Piaget**. Tradução e organização Danielli Saheb. Fundação Joaquim Nabuco. Recife/PE: Editora Massangana, 2010.

PORTAL TERRA. **IBGE: 8,7 milhões não tiveram acesso às atividades de EaD**. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/ibge-87-milhoes-nao-tiveram-acesso-a-atividades-deead258b233cJNwVX9TjuSzjVw9SVBXLqXp8sno7Zhr7.html>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

RIBEIRO, D. **Sobre o Óbvio**. In: Ensaio Insólitos. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020. Disponível em: <[http://www.biolingagem.com/ling\\_cog\\_cult/ribeiro\\_1986\\_sobreobvio.pdf](http://www.biolingagem.com/ling_cog_cult/ribeiro_1986_sobreobvio.pdf)>. Acesso em 18 fev. 2021.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.